



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

2

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

2

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2

**Diagramação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C512 Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2 / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-748-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.489211412>

1. História. 2. Cultura. 3. Identidades. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Ainda que sem nos darmos conta, estamos, cotidianamente, refletindo acerca da sociedade em que vivemos. Cada vez que nos questionamos: “como isso foi possível?” ao nos surpreendermos com uma notícia estampada na rede, estamos pensando sobre os rumos que a sociedade está tomando, portanto, nos questionando e refletindo sobre a sociedade que vivemos. A cultura, como um produto social, tem, certamente, um grande impacto em nossa compreensão como sujeito, portanto, entrelaçar historicamente essas duas discussões, qualifica essas reflexões de forma incontestável.

Ao pensar historicamente uma questão central é como a cultura é essencial aos indivíduos para refletirem sobre suas ações no tempo e a construção de identidades tão diversas. Neste sentido, pensar em história requer pensar em cultura, justamente porque ao estudar a multiplicidade deste conceito desvendaremos as questões inseridas em nosso dia a dia com o objetivo de possibilitar melhor compreensão de todos os fenômenos que estão imersos no cotidiano e impactam em nosso posicionamento no mundo.

Neste momento, em que presenciamos discussões cada vez mais acirradas sobre as identidades, é importante retomarmos os ensinamentos que nos foram legados pelo antropólogo Clifford Geertz de que a cultura é um “sistema simbólico”, uma teia de significados que carrega mecanismos de controle para governar o comportamento. É construída a partir de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente erigidos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos. Ela contribui para regular e padronizar atitudes e emoções, contribui, historicamente, para a elaboração de identidades.

Este e-book é sem dúvida, um convite a reconhecer no “outro”, naquele que a princípio enxergamos através de pré-conceitos e pré-julgamentos, alguém com quem podemos potencialmente aprender, com quem podemos nos modificar e que também podemos transformar.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti




## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

CIDADES SITIADAS: REPRESENTAÇÕES DO MEDO DA MORTE E DAS ENFERMIDADES NA PANDEMIA DO COVID-19 E NAS CHARGES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL


Élcia de Torres Bandeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114121>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

CURIMBA ONLINE: ESTRATÉGIAS MUDIÁTICAS DURANTE A PANDEMIA E ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO GONÇALO, 2020


Camilla Fogaça Aguiar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114122>

### **CAPÍTULO 3..... 28**

PENSANDO A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DAS REVENDEDORAS DE COSMÉTICOS E A SUA NARRATIVA NO MUNDO DO DIREITO

Bárbara Galli de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114123>

### **CAPÍTULO 4..... 37**

HISTÓRIA E MEMÓRIA: DIÁLOGOS PELA AUTONOMIA TERRITORIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DE MELQUÍADES E AMÂNCIO

Jonatan Dos Santos Silva

Viviane Sales Oliveira


Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114124>

### **CAPÍTULO 5..... 49**

POLÍTICAS INDÍGENAS E O SER INDÍGENA NA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE


Ivan Pereira Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114125>

### **CAPÍTULO 6..... 62**

O “HOMEM PLURAL” E O PLURALISMO RELIGIOSO


Maylle Alves Benício




 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114126>

### **CAPÍTULO 7..... 74**

JOSEPH RATZINGER E LEONARDO BOFF: ALGUNS PONTOS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO


Danillo Rangell Pinheiro Pereira.

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114127>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
“ESPÍRITO BRANCO EM BUSCA DE ALMAS NEGRAS” COLONIALISMO E MISSÕES CATÓLICAS: CONHECER PARA CATEQUISAR E DOMINAR. SUL DE MOÇAMBIQUE (FINAL DO SÉCULO XIX )	
Denilson Lessa Dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114128">https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114128</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
O TESTAMENTO DE DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA, UMA ANÁLISE HISTÓRICA	
Maximiliano Gonçalves da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114129">https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114129</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
HISTORIOGRAFIA E CATOLICISMO: DONOSO CORTÉS E OS RUMOS DA MODERNIDADE HISTÓRICA	
Roney Marcos Pavani	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141210">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>128</b>
DOM AUGUSTO ÁLVARO DA SILVA: FÉ E POLÍTICA	
Solange Dias de Santana Alves	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141211">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>143</b>
SCIENTIFIC DISCOURSE MODELING: A SEMIOTIC VIEW	
Marcus Vinicius Dos Santos Claro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141212">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>152</b>
ARQUEOASTRONOMIA: A CONSTRUÇÃO DE URUK E A INFLUÊNCIA DOS CÉUS	
Leonardo Birnfeld Kurtz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141213">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141213</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>166</b>
O GUERRILHEIRO HEROICO: FOTOGRAFIA E GÊNERO	
Andréa Mazurok Schactae	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141214">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141214</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>179</b>
ATHÉNAÏS MICHELET: UMA TRAJETÓRIA APAGADA	
Aline Dal'Maso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141215">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141215</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>192</b>
AS VISÕES DA DIPLOMACIA ESTADUNIDENSE SOBRE AS FORÇAS ARMADAS	

BRASILEIRAS NO GOVERNO JK (1956-61): APONTAMENTOS INICIAIS DE PESQUISA

Vinícius Marcondes Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141216>

**SOBRE AS ORGANIZADORAS.....204**

**ÍNDICE REMISSIVO.....205**

# CAPÍTULO 4

## HISTÓRIA E MEMÓRIA: DIÁLOGOS PELA AUTONOMIA TERRITORIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DE MELQUÍADES E AMÂNCIO

Data de aceite: 01/12/2021

### Jonatan Dos Santos Silva

Programa de Pós-Graduação em memória:  
Linguagem e  
Sociedade da Universidade Estadual do  
Sudoeste da Bahia  
Vitória da Conquista-BA  
<http://lattes.cnpq.br/9357968090263881>

### Viviane Sales Oliveira

Órgão de Educação das Relações Étnicas -  
ODEERE  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Jequié-BA  
<http://lattes.cnpq.br/3620031351978181>

### Felipe Eduardo Ferreira Marta

Programa de Pós-Graduação em Memória:  
Linguagem e  
Sociedade da Universidade Estadual do  
Sudoeste da Bahia  
Vitória da Conquista-BA  
<http://lattes.cnpq.br/6116223353042882>

**RESUMO:** Este estudo reflete as discussões travadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, promovido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, mais precisamente, nas leituras realizadas na disciplina “Memória, Corpo e Oralidade”, em que o foco está nas análises de memórias sobre conflitos e tensões

que ocorreram no município de Vitória da Conquista envolvendo a comunidade Quilombola Lagoa de Melquíades e Amâncio e fazendeiros de cultivo de eucalipto. Desta forma, tem por objetivo, refletir sobre os valores empreendidos em uma sociedade hierárquica e preconceituosa, já que os resultados apresentados, trazem histórias locais arrendadas nos projetos históricos hegemônicos, em permanentes atualizações, fazendo pensar a colonização a partir da contracorrente, por meio das narrativas vistas “de baixo”, por meio de memórias silenciadas e entoadas nas vozes das lideranças quilombolas, resistentes em suas vivências na condição de responsáveis por manterem as tradições de legados africanos presentes na cidade. Para tanto, utiliza-se como metodologia de pesquisa a História oral, conforme orientam Meihy (2002) e Portelli (1997). Através dessas fontes orais foi possível a análise do conflito enrentado pelo quilombo diante de empresários do eucalipto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória, História oral, Quilombo, Conflitos, Eucalipto.

**ABSTRACT:** This study reflects the discussions held within the Graduate Program in Memory: Language and Society, promoted by State University of Southwest Bahia - UESB, more precisely, in the readings carried out in the subject “Memory, Body and Orality”, in which the focus is on the analysis of memories about conflicts and tensions that occurred in the municipality of Vitória da Conquista involving the community Quilombola Lagoa de Melquíades e Amâncio and eucalyptus plantation farmers. Thus, it aims to reflect on the values undertaken in a hierarchical

and prejudiced society, as the results presented bring local stories leased in hegemonic historical projects, in permanent updates, making colonization think from the counter-current, through narratives seen “from below”, through memories silenced and sung in the voices of quilombola leaders, resistant in their experiences as responsible for maintaining the traditions of African legacies present in the city. For this purpose, Oral History is used as a research methodology, as directed by Meihy (2002) e Portelli (1997). Through these oral sources it was possible to analyze the conflict enacted by the quilombo against eucalyptus businessmen.

**KEYWORDS:** Memory, Oral history, Quilombo, Conflicts, Eucalyptus.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este estudo reflete as discussões travadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, promovido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, mais precisamente, nas leituras realizadas na disciplina “Memória, Corpo e Oralidade”, em que focamos nas análises de memórias sobre conflitos e tensões que ocorreram no município de Vitória da Conquista envolvendo as comunidades tradicionais negras, com base em estudos já realizados, como os de Silvano da Conceição (2016) sobre as Estratégias de permanência e desenvolvimento social na Comunidade Quilombola de Velame, e os estudos de Vivian Ingridy de Carvalho Lima (2018) sobre os moradores do Baixão, ambas Comunidades Quilombolas do Território de Vitória da Conquista-Ba, revelam histórias contadas pelos “mais velhos” e “mais velhas”, que marcam trajetórias de sofrimento e de dominação, fazendo parte da constituição da memória coletiva sobre seus antepassados e antepassadas e das origens do grupo.

A relevância social deste estudo está, justamente, no grande apelo dessas comunidades, de quererem registrar suas memórias não registradas na história oficial da cidade, bem como apresenta sua importância no campo acadêmico, por contribuir para as pesquisas historiográficas que levam em consideração o processo de visibilidade através das narrativas das memórias e oralidades vistas como memórias subalternas. Esses saberes se encontram nas comunidades tradicionais negras da cidade, representadas pela Capoeira, Candomblés e pelas comunidades quilombolas presentes no município. Caracterizadas pela participação ativa dos sujeitos e sujeitas na interação com outros grupos pautando-se pela luta para superar abordagens essencialistas sobre a identidade étnica, representadas através das memórias de lideranças consideradas “mais antigas”.

Todas estas representações das comunidades tradicionais negras apresentam necessidades de registrarem seus conflitos e tensões ocorridos durante o processo de desenvolvimento histórico de Vitória da Conquista oferecendo possibilidades de compreensão da relação entre as memórias apresentadas pelos quilombolas e as adversidades que os tencionaram através de conflitos de cunho socioeconômico, étnico racial e enfrentamentos políticos em relação à ocupação do território. Desta forma, temos por objetivo com este estudo, possibilitar a reflexão sobre os valores empreendidos em

uma sociedade hierárquica e preconceituosa, já que os resultados apresentados, trazem histórias locais arrendadas nos projetos históricos hegemônicos, em permanentes atualizações, fazendo pensar a colonização a partir da contra-corrente, por meio das narrativas vistas “de baixo”, que visibiliza as histórias de vida dos “excluídos” por meio de memórias silenciadas e entoadas nas vozes das lideranças quilombolas, resistentes em suas vivências na condição de responsáveis por manterem as tradições de legado africano presentes na cidade.

Compreendemos que estes estudos que refletem as realidades das comunidades tradicionais negras de Vitória da Conquista-Ba significam reunir as memórias, vividas por cada um e cada uma das pessoas de quilombos, em torno dos conflitos experienciados por estes grupos na localidade em seu processo de sobrevivência como protagonistas de um processo de lutas e resistências que pouco foi valorizado e incompreendido pela sociedade ao longo de sua história. Isso é um ponto chave de compreensão do processo de urbanização que levou a exclusão da população negra juntamente com as tradições de legado africano presentes tanto na Capoeira e no Candomblé, quanto nas Comunidades Quilombolas pouco conhecida e reconhecida na memória oficial da cidade, Silva (2018).

Este contexto mostra os enfrentamentos presentes nas comunidades tradicionais negras presentes nas relações sociais em Vitória da Conquista-Ba sob o “cabresto dos Coronéis”, onde havia perseguições às tradições dos povos negros. Mesmo a cidade sendo marcada por um contexto mais rural e negra, o sistema se mostrava hostil e resistente às práticas de legado africano durante o processo de urbanização, Silva (2018). Dessa maneira, surge a necessidade de investigar e relatar as experiências de enfrentamento às tensões e conflitos, por parte, das comunidades tradicionais negras. Sendo assim, nesta oportunidade nos debruçaremos nas vivências da Comunidade Quilombola de Lagoa de Melquíades e Amâncio.

Para tanto, utilizamos como metodologia de pesquisa a História oral por oferecer oportunidades de criar diálogos entre os estudos e outras fontes, bem como de manter o diálogo com a documentação encontrada a partir dos relatos dos entrevistados, conforme orienta de Meihy (2002). As entrevistas, para Meihy (2002), devem ser a base de efetivação dos resultados para serem garantidas como método. Por isso, ele define história oral como sendo um recurso usado para elaborar documentos, arquivamentos e estudos relacionados a experiências sociais, pessoais e grupais. “É uma prática de apreensão de narrativas feitas por meios eletrônicos, destinada a recolher testemunhos e promover análises de processos sociais do presente” (MEIHY, 2002, p.14).

Estes relatos colhidos através das entrevistas, relatos de memória, depois de gravados e registrados por escrito, transformam-se em documentos, Thompson (1992). Com isso, esta metodologia vista como instrumento de coleta de dados e técnica de produção de documentos históricos, neste estudo, nos permitiu a utilização de equipamentos de áudio e vídeo com os entrevistados. Recursos importantes por revelarem aquilo que ficam nas

entrelinhas, fazendo o pesquisador olhar uma parte do todo, relevante para a comunicação Portelli (1997).

Para as entrevistas, foram escolhidas lideranças mais velhas do Quilombo de Lagoa de Melquíades e Amâncio. De acordo com Hapate Ba (2010), a representação dos “mais antigos” ou “mais velhos” significa dizer que são eles quem iniciaram na prática do conhecimento. São aqueles que detêm os saberes, por serem os “livros” da experiência milenar africana, guardiões da memória, pois “quando morre um ancião, africano, se perde uma biblioteca” (HAMPATE BÂ, p. 167). São elas que detêm os saberes, por serem os “livros” da experiência milenar africana, guardiãs da memória, pois “quando morre um ancião, africano, se perde uma biblioteca” (Id.).

Entre essas lideranças estão: Damião Arifa dos Santos, 76 anos de idade; Venozina Moraes de Brito, nascida em 11 de janeiro de 1923, já falecida, e Tiago França. Suas narrativas trouxeram memórias vividas desde as décadas iniciais do século XX que entrecruzaram com as fontes históricas compromissadas com versões do passado durante a constituição das narrativas. Estes relatos orais dos líderes quilombolas de Lagoa de Melquíades e Amâncio nos apontaram caminhos para a construção de uma história que ainda não está sistematizada e escrita, de acordo com os apontamentos de Portelli (1997). Mas neste presente compartilhado, as narrativas coletadas estabelecem as condições prioritárias para a construção das memórias reunidas através deste estudo.

## 2 | MEMÓRIA E COMUNIDADE TRADICIONAL NEGRA

A memória é um fenômeno multimodal que vislumbra possibilidades de tratar a Comunidade Quilombola Lagoa de Melquíades e Amâncio como fio condutor deste estudo. Para tanto, nos apoiamos no antropólogo James Fentress (1992) e no historiador Chris Wickham (1992), os quais colaboraram no sentido de se pensar a memória no âmbito social. Na lógica desses pensadores, os relatos de memória contidos no referido quilombo, através dos anciãos vivos, tratam-se de uma memória social, por estarem relacionadas às experiências que cada um viveu em seu grupo social determinado, atribuindo isso às recordações partilhadas.

Os estudos de Nora (1993) contribuem no sentido de se considerar os vestígios de memória que vão desaparecendo de forma acelerada devido ao ritmo da vida contemporânea. Caso elas deixem de existir, os locais de memória vão fazer com que ela não desapareça, já que, para este autor, a memória verdadeira é abrigada no gesto, no hábito, nos ofícios que se transmitem pelos saberes do silêncio e nos saberes do corpo.

A oralidade é um forte instrumento para garantir a visibilidade e possibilitar a resistência dos grupos sociais inferiorizados. Quando a privilegamos, estamos inevitavelmente ressaltando “a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial.” É com



base nessa concepção de Michel Pollak (1989) que compreendemos o papel exercido pela memória dos habitantes das comunidades tradicionais negras de Vitória da Conquista, que, sendo subterrâneas, “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise”.

O conceito de comunidade abordado neste estudo abrange o que Ferdinand Tönnies explica sobre a passagem de um modelo de comunidade até passar a ser uma sociedade, do modelo tradicional ao complexo. Segundo ele, a sociedade – ou metrópole - caracteriza-se pela “racionalização e pela complexidade de suas relações, sendo o local da mobilidade e do anonimato. Diferente da vida em comunidade, concebida como uma vida real e orgânica, mais forte e viva entre os homens” (TÖNNIES, 1991, p.72).

Dessa maneira, a representação da vida na sociedade é traduzida a partir do isolamento e de tensão de um sujeito sob outro, não havendo o bem comum, a exclusão torna-se um fator relevante quando um indivíduo se encontra em contato com o outro. Ao contrário do que se vive na sociedade, viver em comunidade significa está próximo e dividir o mesmo espaço para facilitar as relações sociais e os sentimentos recíprocos comuns. Portanto, Comunidade é um conceito que tem uma profunda e histórica ligação com os Quilombos, que prevalecem até os dias de hoje no Brasil. A formação das comunidades tradicionais negras “(...) deu-se de acordo com variáveis diversas e resultou em arranjos particulares, adequados às situações de dominação nas quais estavam inseridas, mesmo que coerentes com alguns padrões das sociedades africanas” (SOUZA, 2006, p.105) como: família negra, quilombo, irmandades, religiões de matrizes africanas, capoeira, maracatus e congadas.

Dessa forma, a caracterização histórica de Vitória da Conquista-BA vai além de se pensar somente o seu desenvolvimento, meramente por meio da economia. É perceber, sobretudo, as nuances que atravessaram a própria história da cidade, viva na memória social, que marca a presença das práticas culturais oriundas dos povos negros na cidade, vistas a partir das desigualdades étnico-raciais e sociais, que, segundo Silva (2018), fizeram gerar tensões e conflitos causados em vários momentos distintos.

As referências sobre os estudos de Memória como objeto multifocal apresentados vão contribuir para investigação das tensões e conflitos presentes na comunidade quilombola em questão através da memória de suas lideranças, considerando que as memórias são construções dos grupos sociais, que determinam o que deve ser memorável e os lugares onde essa memória será preservada (HALBWACHS, 2006).

### **3 | QUILOMBO LAGOA DE MELQUIADES E AMÂNCIO**

Lagoa de Melquíades e Amâncio é um quilombo, certificado pela Fundação Cultural Palmares, no dia 28 de julho de 2006; está localizado no distro de Inhobim, área rural de Vitória da Conquista, Região Sudoeste da Bahia, da sede do município dista,

aproximadamente, 60 km. É um quilombo muito antigo. Em arquivos da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista-PMVC, encontramos relatos de Venozina Morais de Brito, nascida em 11 de janeiro de 1923, que contam a história de origem de Lagoa de Melquíades e Maêncio. Segundo ela:

no tempo da escravidão do Lamarão até a atual comunidade, era uma grande mata, ninguém andava, que pertencia a dona Joana, certo dia soltaram alguns bois e mandaram os meninos: Amâncio e Melquíades, que eram escravos de Dona Joana, pegarem os bois; os meninos acharam os bois dentro da mata próximo a uma lagoa de água e levaram para a dona, a partir de então a dona dos bois deu as terras onde acharam os animais para os meninos cuidarem; como Melquíades era mais velho que Amâncio, ficou Melquíades e Amâncio. (Venozina Morais de Brito, nascida em 11 de janeiro de 1923/PMVC, 2005).

Esta fala de Venozina Morais de Brito vai ao encontro da fala de Tiago França, liderança jovem, do Quilombo que preservou em sua memória os relatos de seus mais velhos e mais velhas, conforme pode ser observado a seguir:

... e aí é interessante também, todos que a gente vai, que a gente foi conversando, a história sempre começa no Lamarão, pelo que a gente fala assim, que a história da Lagoa não começa especificamente na Lagoa, ela começa no Lamarão, e aí quando eu falo que o pessoal do Lamarão tem pouco conhecimento sobre a própria história, então assim, a história da gente começa lá, que todos quando eles falam Melquíades e Amâncio vieram atrás desses bois, sempre vinham pro Lamarão, então eles moravam no Lamarão, aí eles vieram atrás desses bois e a Lagoa começa a surgir a partir daí, nossa comunidade surge aí. (Tiago França, entrevista, 2021)

O território ocupado atualmente pelos descendentes de Melquíades e Amâncio corresponde a área que Joana, segundo os relatos, deixou para eles em testamento, quando ela faleceu. Melquíades e Amâncio foram escravizados por esta senhora, de acordo o relato de Tiago:

Dona Joana era uma fazendeira que era dona de tudo aqui. Certa vez, o marido dela viajou para o Rio de Janeiro e lá comprou duas crianças escravas e trouxeram. E aqui dona Joana colocou os nomes de Melquíades e Amâncio. (Tiago França, entrevista, 2021)

A construção do quilombo é a nova escrita de liberdade por eles, podendo se organizar civilizatoriamente conforme suas memórias preservadas de seus povos de origem, construíram família, casas, lavouras e criações de animais para a sobrevivência. A comunidade cresceu, no último censo populacional realizado pelas lideranças do quilombo, em parceria com o Conselho das Comunidades Quilombolas do Território de Vitória da Conquista, em 2011, havia um total de 900 famílias, tendo em sua formação pessoas do mesmo tronco familiar, *“quase todos somos parentes por sermos descendentes de Melquíades e Amâncio”* (Thiago França, entrevista, 2021).

As comunidades quilombolas vivenciam, de acordo com Almeida (2019), as consequências advindas historicamente do racismo estrutural. Para este autor, as

estratégias racistas são reproduzidas nas esferas políticas, sociais e econômicas através de dispositivos estruturados para discriminar pessoas ou grupos de forma sistemática. Sendo assim, diversas barreiras impedem que políticas públicas alcancem os territórios tradicionais, afetando diretamente a saúde, a educação e os direitos relacionados à regularização fundiária das comunidades, já que se encontram em situação de risco diante de conflitos e tensões, aumentados nos últimos tempos, segundo os estudos de Silva e Souza (2021), com a crise no contexto atual de pandemia.

Cada quilombo tem uma história, um modo de viver, tradições e costumes diferentes, fruto da diversidade étnica e dos locais de origem dos fundadores e fundadoras, analisando suas histórias percebemos com a experiência do Quilombo de Lagoa de Melquíades e Amâncio conflitos pela posse de suas terras. Perseveraram na luta pelo reconhecimento legal e posse definitiva de seu território. Apesar de terem a posse das terras determinada por testamento, os quilombolas não tem a autonomia pelo usufruto total de sua propriedade. Reativando a questão fundiária histórica quando diz respeito aos povos negros negados de possuírem terra desde a promulgação da Lei de Nº 601, de 18 de setembro de 1850, chamada “Lei de terra”, que discriminava quem podia e não podia ter acesso ao direito de propriedade.

A lei brasileira só veio reconhecer a titularidade dos territórios quilombolas em 1988, através da Constituição Federal, em seu Art. 68, no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, cuja redação estabelece: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Porém, toda a problemática criada pela “Lei de terras” e seus reflexos que perduram até os dias atuais, o racismo estrutural, as invasões ilegais dos grileiros são obstáculos enfrentados pelos quilombolas diariamente.

Ao longo dos tempos os quilombolas foram perdendo partes de seu território, que atualmente convivem com vizinhança de fazendeiros e grandes empresas que exploram o cultivo de eucalipto na área, Viana (2017). Caracterizando em mais outro fator de tensão que ameaça o quilombo de Lagoa de Melquíades e Amâncio, o plantio desordenado de eucalipto, que segundo denúncias de moradores tem gerado conflitos conforme relato, *“aaaaah, a chegada desse povo aí, desses eucalipto aí, chico entrou no meio disso aí, queriam matar ele, Chico é meu irmão, por causa dos quilombo aí, foi mostrar as munição lá ... O fazendeiro, ai ele não entra na fazenda não, falou pro meu irmão”* (Damião Arifa dos Santos, entrevista 2021).

Esta plantação de eucalipto em grande escala tem provocado a contaminação ambiental do solo e da água da comunidade e efeitos que alteram a biodiversidade (fauna e flora), assim como a umidade do solo, os aquíferos e os lençóis freáticos. Preocupação que permanece há doze anos Comunidade Quilombola Lagoa de Melquíades e Amâncio.

O eucalipto prejudica o solo, até hoje eles jura que os peixe não morreram na água contaminada, porque nunca deu uma chuvairada, desceu da serra,

aí a água ficou dessa fundura assim, e aí virou aquela espuma dentro da água, só via peixe morrido, nem cachorro deu venção, nem cachorro nem urubu, prejudicou todo mundo. Cada traíra boazinha, desse tamanho, morreu foi, virou aquele lençol de peixe morto, e como é que esses peixes morria? Cercava a água, e pegava o peixe vivo. (Damião Arifa dos Santos, entrevista 2021).

Preocupados com essa situação, já que a comunidade utiliza dessa água para consumo humano, procuraram os responsáveis pela fazenda de eucalipto, no entanto, tiveram como respostas ameaças e intimidações conforme o relato anterior e nenhuma providência foi tomada, *“que providência, que nada, não podia porque o fazendeiro, dono da terra, falava que o dono da terra que pertence a água aí... e também não teve mais a vazão de água, agora não entra mais água pra cá da água que vem lá de cima”* (Damião Arifa dos Santos, entrevista 2021). Estes relatos demonstram negligência por parte da empresa que explora o eucalipto, com os impactos gerados por suas atividades no ambiente e para as pessoas moradoras do local há anos. Prevalecendo a falta de diálogo com a comunidade que não consegue localizar os responsáveis.

Os “empresários da terra” que as propriedades em polo de “comércio de terras”, favorece a comercialização e a especulação nos territórios quilombolas. Segundo os relatos de lideranças comunitárias, a aproximação de empresários ao território veio, conseqüentemente, o aumento da degradação ambiental. Os recursos naturais que eram facilmente encontrados nas proximidades, onde atualmente estão as plantações de eucalipto, estão se findando, a exemplo da água da chuva que molha essas plantações e escoo pelo solo, que se contamina por venenos que combatem o crescimento do mato até chegar à lagoa que abastece à comunidade.

Com base nas narrativas dos entrevistados, desde quando as empresas de cultivo de eucalipto se instalaram na comunidade, eles perceberam mudanças no solo e na configuração da água do lago. Este, por sua vez, foi receptor por muito tempo de substâncias nocivas e residuais oriundas do uso e manejo de pesticidas pelos donos das fazendas no intuito de diminuir a proliferação de mato entre as plantações de eucalipto. Assim, a água da chuva escorria os venenos pela parte mais alta da comunidade – local onde se situam as fazendas de eucalipto – até a lagoa, depois de ter percorrido por vários córregos que dão acesso às casas e plantações dos pequenos agricultores, aumentando as áreas contaminadas.

Ao perceberem que o solo e a água da lagoa apresentavam resíduos de contaminação e identificando moradores com a saúde alterada no âmbito coletivo, as lideranças da Associação de Moradores buscaram elementos para identificar causas e efeitos. Assim, a partir de análises técnicas e científicas, identificaram a contaminação na água da lagoa, que levou à morte de grande quantidade de peixes e inviabilizou o consumo da água da lagoa pelas pessoas e animais na comunidade. Atualmente, a memória dos efeitos dessa degradação ambiental é relatada pelos moradores e moradoras.

Diante ao exposto, lideranças do quilombo organizadas pela Associação juntamente, com o Conselho das Associações Quilombolas do Território de Vitória da Conquista solicitaram audiência no Ministério Público Federal de Vitória da Conquista, datado de 16 de outubro de 2009, momento em foi relatado ao procurador federal o caso que após analisado emitiu requerimentos aos órgãos competentes com encaminhamentos e diligências, entre elas, a abertura de processo de titularização do território, no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Doze anos se passaram e o quilombo não tem posição definitiva dos órgãos responsáveis.

Outro órgão procurado pelas lideranças quilombolas foi o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA de Vitória da Conquista onde fizeram a denúncia dos fatos. Em consequência, a empresa denunciada passou por investigação, negando o uso de substâncias tóxicas e os problemas causados a comunidade e ao meio ambiente. A empresa interrompeu o uso e o descarte de veneno, mesmo sem a devida publicidade dos fatos após a resistência quilombola. Por fim, a referida empresa substituiu as substâncias tóxicas por pastagem de gado de corte, associando-se à pecuária. Sem o reconhecimento dos danos e prejuízos causados por parte dos fazendeiros ao quilombo e nenhuma penalidade decretada.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunidades quilombolas desde a sua formação histórica no Brasil caracterizam-se como construções civilizatórias de legado africano de rebelação ao sistema escravista colonial que imprimia um regime desumanizador aos povos africanos. Neste contexto, os quilombos reuniam os povos africanos organizados política e economicamente como forma de conquistar a liberdade ameaçada, Moura (1993).

Continuaram a existir ao longo da história e como legado de seus antepassados e antepassadas históricas nessa luta como Zumbi – héroi de Palmares, Aqualtume – heroína de Palmares, localizava-se na Serra da Barriga, Pernambuco; Mestre Ambrózio – Rei do Quilombo Ambrózio, localizava-se em Minas Gerais, a empreenderem novas lutas, sendo as principais pelo direito de posse de seus territórios, o direito de expressar sua cultura e o combate ao racismo.

A investigação realizada por este estudo colocou em evidência os conflitos vivenciado pelo Quilombo de Lagoa de Melquíades e Amâncio, destacando a resistência organizada dos quilombolas em preservar e conservar as terras e a memória de resistência dos antepassados e antepassadas. Foi um labor enveredado pela Memória dos quilombolas, que inicia com a formação comunitária dos irmãos Mequíades e Amâncio. Momento em que os irmãos e seus e suas descendentes passam a revelar os traços definidores de suas identidades étnicas, particularizadas no que diz respeito, as suas construções civilizatórias de legado africano.

Esta Memória tem uma importante função, pois contribui para o sentimento de pertença ao grupo de passado comum. Esse sentimento garante a identidade do indivíduo fundado na Memória histórica e simbólica compartilhada pelo quilombo. Outro aspecto importante da Memória é o lugar que se torna um referencial para sua construção. Em se tratando de quilombo, o lugar se constitui numa referência fundamental na memória dos indivíduos que ali habitam. Mudanças ocorridas nos lugares habitados por eles acarretam alterações importantes e irreversíveis, muitas vezes, na vida e na memória dos quilombolas.

Herdeiros dessa luta, Lagoa de Mequíades e Amâncio resiste diariamente os efeitos de uma sociedade dominante racista estruturalmente impactando diretamente na autonomia de seus moradores e moradoras na gestão de seu território. Com a Constituição de 1988, a legislação passa a reconhecer a garantia ao direito de posse das terras pelas comunidades que se autoidentificam como quilombolas. Configurando uma grande conquista para os quilombolas que passam a contar com o marco legal, importante instrumento de luta e resistência no enfrentamento aos fazendeiros e outros capitalistas que ao longo dos tempos invadiram e invadem os territórios quilombolas.

Porém, somente em 2003, com a aprovação do Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003, que os poderes públicos disciplinam os procedimentos necessários para a formalização da posse das terras, envolvendo: certificação, identificação, delimitação e titulação das terras quilombolas.

Como vimos, através das narrativas dos quilombolas é um processo longo, burocrático, o que expõe a comunidade sempre ao risco de investidas de invasores. A lei por si só não garante aos quilombolas: a regularização das terras, recursos para investimento na produção e escoamento, educação, saúde e moradia entre outros. Inúmeros são os quilombos identificados e certificados que aguardam a titulação dos territórios enquanto sofrem as ameaças dos latifundiários, especuladores e grandes empresários que questionam a legitimidade e autonomia no uso de suas terras, fato que os colocam em estado de tensão pelo risco de retrocessos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

BRASIL. **Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l0601-1850.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm). Acesso em: outubro de 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: outubro de 2021.

BRASIL. **Decreto de Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003.** Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso: outubro de 2021.

CONCEIÇÃO, Silvano da. **Estratégias de permanência e desenvolvimento social na Comunidade Rural Quilombola de Velame**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, 2016. São Carlos: UFSCar, 2016. 229 p.

FENTRESS, J.; CHRIS, W. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado**. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO (Editor). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

LIMA, V. I. de C.; NASCIMENTO, W. S. **Nações, fronteiras e relações étnicas na comunidade indígena-quilombola do Baixão**. Revista Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 54, N. 1, p. 21-36, jan/abr 2018.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3ª Ed. Ed. São Paulo: Ática S.A, 1993.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

POLLAK, M.. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, v 1, n.2, p. 59-72, 1997.

SILVA, Jonatan dos Santos. **“Capoeira não pede benção a coronel”: os Mestres e a Memória da disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista –BA (1950-2000)**. Dissertação (Mestrado) – UESB, Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade, Vitória da Conquista, 2018. f. 240.

SILVA, G. M. da; SOUZA, B. O. **Quilombos e a luta contra o racismo no contexto da pandemia**. **Boletim de Análise Político-Institucional**, n. 26, mar. 2021. Disponível em:

[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10529/1/BAPI\\_26\\_QuilombosLuta.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10529/1/BAPI_26_QuilombosLuta.pdf). Acesso em: 15 jul. 2021.

SOUZA, M. de M. e. **África e Brasil africano**. São Paulo. Ática, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TÖNNIES, F. **Gemeinschaft und Gesellschaft. Grundbegriffe der reinen Soziologie**. De 1947 data la traducción española de J. Rovira publicada en Buenos Aires, editorial Losada.



VIANA, J. M. **Geotecnologias Aplicadas em Territórios em Disputa: O Caso da Comunidade Quilombola de Lagoa de Melquíades e Amâncio-Vitória da Conquista-BA**. II Simpósio Baiano de Geografia Agrária, p. 1-12, 2017. Disponível em: [https://2sbga2017.ufba.br/sites/2sbga2017.ufba.br/files/eixo2\\_joetan\\_edvaldo\\_debora.pdf](https://2sbga2017.ufba.br/sites/2sbga2017.ufba.br/files/eixo2_joetan_edvaldo_debora.pdf). Acesso em: 15 jul. 2021

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arqueoastronomia 4, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 162

### B

Bernard Lahire 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71

### C

Catolicismo 4, 17, 116, 124, 125, 130, 131

Charges 3, 1, 9, 13

Conflitos 27, 37, 38, 39, 41, 43, 45, 52, 76, 87, 97

Conservadorismo 116, 120, 126, 127

Covid-19 3, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12, 13, 20

### D

Dom Augusto Álvaro da Silva 4, 128, 129, 130, 132, 134, 139, 140, 141

Dom Emanuel Gomes de Oliveira 4, 104, 105, 106, 111, 112, 114, 115

### E

Espanha 116, 118, 123, 124, 157, 158

Eucalipto 37, 43, 44

### F

Fenômeno Religioso 62, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71

### G

Goiás 16, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115

### H

História Antiga 152

História oral 37, 39, 47

Historiografia 4, 50, 51, 116, 162, 166, 167, 179, 180, 184, 196, 197, 198, 200

### I

Igreja Católica na Bahia 128, 141

interseccionalidade 28

Interseccionalidade 28

### J

Jurisprudência trabalhista 28

## **M**

Memória 3, 5, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 110, 112, 113, 167, 168, 190

Mesopotâmia 152, 159

Mídia 15, 20, 25, 26, 134, 177

Modernidade 4, 26, 65, 66, 80, 116, 117, 119, 121, 123, 125, 127

## **P**

Pandemia 3, 1, 3, 4, 5, 7, 11, 13, 14, 15, 19, 21, 23, 43, 47

Pluralismo 3, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 74, 75

Política 4, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 52, 56, 57, 61, 83, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 109, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 168, 177, 178, 183, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203

## **Q**

Quilombo 37, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 46

## **R**

Religião 15, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 85, 86, 93, 120, 121, 122, 130, 131, 141, 152, 159, 177

Representações 3, 1, 2, 6, 7, 13, 14, 38, 87, 89, 114, 167, 172, 175, 184, 200, 201

Restauração Católica 105, 128, 129, 139, 140, 141

Revendedoras de cosméticos 3, 28, 29, 30, 32, 34, 36

Revolução de 1930 128, 129, 130, 133, 134, 138, 140, 141

## **S**

Scientific Discourse 4, 143, 144, 145, 146, 149, 150

Scientific law 143, 144, 145, 146, 147, 149

Semiotics 143, 144

## **T**

Testamento 4, 42, 43, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114





# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:


Cultura &  
identidades

2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021





# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:


Cultura &  
identidades

2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021